

Paisagens e lugares no município de Passa Quatro-MG: um estudo geográfico-fenomenológico

Felipe da Silva Vieira³⁶
Flamarion Dutra Alves³⁷

Introdução

Este trabalho apresenta resultados referentes à monografia intitulada “Paisagens e Lugares Topofílicos na Serra da Mantiqueira: um estudo geográfico-fenomenológico no município de Passa Quatro-MG”, construída para a conclusão do curso de Geografia bacharelado pelo autor em 2019. Deste modo, trata-se de uma pesquisa qualitativa que objetivou compreender a percepção da população passaquatrense perante as paisagens e lugares do município (Figura 1).

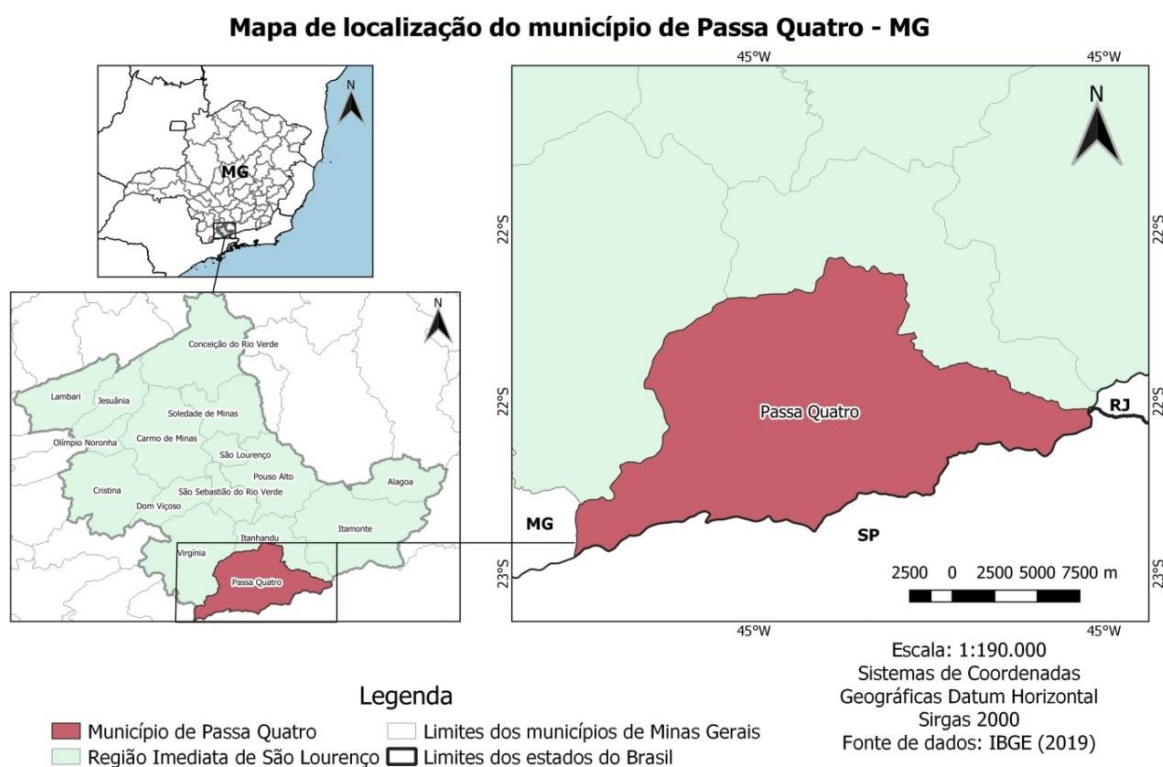


Figura 1 - Mapa de localização do município de Passa Quatro-MG.

Fonte: O autor.

³⁶ Doutorando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista FAPERJ. E-mail: felipe.vieira@sou.unifal-mg.edu.br.

³⁷ Professor Associado II no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: flamarion.dutra@unifal-mg.edu.br.

Considerando as dinâmicas socioespaciais ali existentes e suas relações com outros municípios, Passa Quatro pode ser entendida como pequena cidade (CORRÊA, 2011). De acordo com o IBGE (2021), estima-se que a população do município soma 16.439 habitantes, destes, segundo último censo realizado em 2010, 76,92% residem no espaço urbano, enquanto 23,08% no espaço rural (IBGE, 2010). Sua economia liga-se em grande parte ao setor de serviços, sendo 53,42% do PIB. As atividades industriais e agropecuárias somam 16,75% e 13,82% respectivamente, enquanto 16,01% estão relacionados à administração pública (IBGE, 2019).

O município está inserido na Serra da Mantiqueira, faz divisa com os estados de São Paulo e Rio de Janeiro e possui em sua paisagem marcas naturais e culturais expressivas. Destaca-se o complexo montanhoso conhecido como Serra Fina, com montanhas que se aproximam dos três mil metros de altitude, bem como nascentes e cursos de água que são de considerável importância para a região. Em relação à paisagem cultural, percebe-se a existência de artistas e eventos ligados à música, artes plásticas, fotografia e artesanato. Além disso, têm-se a presença de construções antigas e históricas, relacionadas ao patrimônio histórico e cultural preservado, que representam a história e identidade do município (VIEIRA, 2019).

Diante destes aspectos, surgem as seguintes questões: De que forma acontece a relação dos moradores de Passa Quatro com as paisagens e lugares? Estas paisagens e lugares influenciam a atração e perpetuação dos moradores no município? Quais as medidas adotadas pelo poder público em relação às marcas das paisagens e à manutenção dos lugares, festividades e costumes? Estas problematizações guiaram a realização da pesquisa.

Isto posto, o presente capítulo estrutura-se a partir da seguinte divisão: primeiramente buscar-se-á explicar a metodologia adotada para a construção deste estudo, evidenciando o método utilizado e os procedimentos seguidos em cada etapa. Em um segundo momento, apresenta-se a discussão teórica a partir de revisão bibliográfica sobre os conceitos de paisagem e lugar relacionados à geografia cultural e humanística, vertente seguida neste trabalho. Por último, evidenciam-se os resultados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa, assim como as considerações finais.

Procedimentos metodológicos

Como caminho para a realização deste estudo adotou-se o método fenomenológico, utilizando-o através dos recursos geográficos. Segundo Holanda (2006, p. 370-371) “a pesquisa ‘empírico-fenomenológica’ envolve um retorno à experiência para obter descrições compreensivas que darão a base para uma análise estrutural reflexiva criando um retrato da essência da experiência”. Deste modo, para atingir o objetivo proposto e consequentemente obter uma melhor compreensão do objeto de estudo, utilizou-se de técnicas que remetem à busca pela experiência primeira, privilegiando, portanto, as características da pesquisa qualitativa.

A pesquisa aconteceu em três etapas. Em um primeiro momento realizou-se a revisão bibliográfica, que foi feita em função da investigação de autores que trabalham a geografia humanística e cultural. Buscou-se aprofundar conceitos e temas aqui trabalhados, como: paisagem, cultura, fenomenologia e lugar. Foram estudados autores clássicos da geografia cultural, bem como autores que construíram e incentivaram esta vertente da Geografia no Brasil. Considera-se esta etapa de grande importância para a pesquisa, uma vez que através dela obteve-se propriedade para a continuidade do trabalho.

Logo após, realizou-se a construção e aplicação das entrevistas com a população residente no município em questão. Buscou-se, através do referencial bibliográfico trabalhado, construir entrevistas que envolvessem o objetivo proposto. De acordo com Chizzotti (2008), as pesquisas qualitativas não possuem um padrão único, justamente por pensar a realidade como fluente e ao mesmo tempo contraditória. Nesse sentido, optou-se por elaborar uma pesquisa qualitativa com roteiro semiestruturado, que serviu de guia no momento da aplicação das entrevistas, objetivando a abertura e o diálogo com os participantes.

Com o roteiro concluído, ocorreram, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2019, os trabalhos de campo para a aplicação das entrevistas, sendo feitos em uma sequência de cinco dias. Nos quatro primeiros dias foram aplicadas 20 entrevistas, enquanto no último dia aplicou-se 6, totalizando 26 participantes. Importa-se ressaltar que uma destas entrevistas foi realizada com o então secretário de turismo, cultura e desenvolvimento econômico de Passa Quatro, visando trazer esclarecimentos sobre como está sendo tratada a organização cultural do município e sua infraestrutura por parte do poder público.

Optou-se por realizar as entrevistas com moradores que nasceram em Passa Quatro e com moradores que vieram de outras localidades. Foram entrevistados moradores de diferentes idades, rendas e ocupações. A maioria das entrevistas foram feitas a partir da abordagem pelas ruas da cidade, alguns outros entrevistados - quando não podiam ceder um tempo para a entrevista na rua - marcaram um horário em suas próprias residências, possibilitando a construção do diálogo e, conseqüentemente, da pesquisa.

Deste modo, a partir das entrevistas guiadas pelo roteiro semiestruturado, tornou-se possível analisar as distintas percepções existentes sobre as paisagens e os lugares, bem como entender um pouco mais sobre as condições de vida do município. Além disso, o próprio movimento dos trabalhos de campo possibilitou a constante observação e vivência da paisagem de Passa Quatro.

Por fim, na terceira etapa realizou-se o levantamento final do material obtido nas etapas anteriores. A partir do material construído pela revisão bibliográfica, bem como da análise do conteúdo e discurso das entrevistas aplicadas, tornou-se possível realizar a redação final deste texto.

O conceito de paisagem na geografia cultural humanística

De acordo com Salgueiro (2001), os geógrafos aceitaram durante muito tempo a paisagem como sendo a porção do espaço que pudesse ser abrangida com o olhar, tratando como paisagem o que era identificável nesse espaço. Ao realizarmos uma análise bibliográfica de publicações recentes sobre as definições do conceito de paisagem, é possível verificar uma transição do modo que o conceito é tratado. A paisagem transita do que é apenas visível para o fenômeno, onde o modo de ver e viver do sujeito torna-se importante.

Dentro da geografia humanística, o conceito de paisagem é reincorporado trazendo reflexões acerca do subjetivo. Deste modo, a paisagem é vista através das experiências do sujeito, ou seja, é construída por intermédio da relação de sentido e percepção que o sujeito incorpora ao espaço - sua significância.

A paisagem, contudo, não é apenas forma material resultante da ação humana transformando a natureza. É também forma simbólica impregnada de valores. Além de sua gênese, estrutura e organização, focos correntes dos geógrafos, é necessário para a sua compreensão que se apreendam os seus significados, pois são estes que lhe dão sentido (CORREA, 2011, p. 10-11).

O conceito está diretamente relacionado com os significados atribuídos pelos sujeitos ao espaço. Portanto, torna-se necessário analisar estas diferentes formas de significado, que por sua vez relacionam-se com a cultura. Como aponta Cosgrove (2012), a cultura tende a possuir certa polissemia, bem como o próprio conceito de paisagem, pois, até mesmo no cotidiano é utilizada de maneiras diferentes.

A cultura é entendida tanto como o trabalho, a interação direta dos seres humanos com a natureza na produção (agricultura, policultura, vinicultura, silvicultura etc.), quanto a consciência, o conjunto de ideias, valores, crenças e a ordem moral. Paisagem e cultura carregam em si, portanto, uma oposição constante entre “materialidade” e “imaterialidade”. (NAME, 2010, p. 165).

Cosgrove (2012, p. 225), diz que “a cultura não é algo que funciona através dos seres humanos; pelo contrário, tem de ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, muitas das quais são ações reflexivas, rotineiras da vida cotidiana”. Ao mesmo tempo, ressalta que o estudo da cultura está diretamente ligado ao estudo do poder, a experiência de mundo de certo grupo dominante será imposta como verdadeira e válida para todas as pessoas (COSGROVE, 2012). Deste modo, cria-se uma generalização de como se deve viver, que é controlada por quem possui mais poder. “O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isso é mais bem concretizado quando é menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum” (COSGROVE, 2012, p. 226-227).

Segundo Luchiari (2001), a geografia cultural vê a paisagem como expressão material do significado que a sociedade oferece ao meio, relacionando-se com a cultura. A geografia cultural humanística supera a paisagem que se refere ao que é apenas observável, trazendo novas contribuições e afirmações para o saber geográfico. Rosendahl (2012, p. 49) ressalta que “o geógrafo, ao descrever a paisagem, exerce suas observações na busca de decodificar seus elementos simbólicos e continuamente tirando conclusões e estabelecendo relações com os materiais visíveis na paisagem”. De acordo com Schier (2003, p. 81), “a paisagem é a realização e materialização de ideias dentro de determinados sistemas de significação. Assim, ela é humanizada não apenas pela ação humana, mas igualmente pelo pensar”.

O ser humano representa e transforma paisagens de acordo com suas necessidades e também a partir de suas experiências e vivências. Essa ação carrega valores históricos e simbólicos, que podem atuar e estabelecer o sentido de como uma comunidade ou lugar se transforma e se mantém ao longo do tempo. Para Cosgrove (2012, p. 228), “todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e da transformação do meio ambiente pelo homem”. O homem se apropria e transforma o meio

ambiente de acordo com suas necessidades, sejam elas materiais ou simbólicas. O estudo da paisagem reflete a ação humana, criando, portanto, uma relação dialética entre o que é observável e material e o que é sentido e simbólico.

Paisagem é um conceito unicamente valioso para uma geografia efetivamente humana. Ao contrário do conceito de *lugar*, lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza. Ao contrário de *meio ambiente* ou *espaço*, lembra-nos que apenas por meio da consciência e da razão humanas esse esquema é conhecido por nós, e somente através da técnica podemos participar dela como seres humanos. Ao mesmo tempo, paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda. (COSGROVE, 2012, p. 224).

Importa-se ressaltar que, ao se estudar a paisagem no viés humanístico e cultural, entende-se que o meio físico não determina a ação humana. A natureza estimula os sentidos para a criação de símbolos, produção e reprodução cultural, por sua vez a paisagem torna-se para determinado espaço a representação dos valores sociais, históricos e culturais, refletindo as experiências dos sujeitos e sua ligação com determinado lugar. Nesse sentido, considera-se aqui de igual importância o entendimento do conceito de lugar.

O conceito de lugar na geografia cultural humanística

Durante muito tempo o conceito espacial de lugar foi utilizado por geógrafos como forma de expressar a localização de certo espaço, possuindo valor secundário perante outros conceitos espaciais, como o território, a paisagem e o próprio espaço. Todavia, atualmente o conceito de lugar tem valor fundamental nos estudos geográficos (HOLZER, 2003).

Segundo Marandola Júnior (2012), a ciência geográfica despendeu pouca atenção ao conceito de lugar no decorrer da história de seu pensamento. O ganho de relevância deste conceito está atrelado ao processo de construção de linhas teóricas que buscavam dar ênfase às noções humanistas com auxílio das filosofias do espírito, assim como ao processo de mundialização, que acabou efetivando a oposição entre global-local e mundo-lugar, tendo em vista a dominação do segundo pelo primeiro. Neste trabalho, lugar será abordado a partir do viés da geografia humanista, ou seja, o lugar que se constitui “a partir das vivências cotidianas como um centro de significados, como um intervalo, onde experimentamos intensamente o que pode ser denominado de geograficidade, como proposto por Dardel³⁸” (HOLZER, 2012, p. 282).

³⁸ A obra *L'Homme et la Terre – Nature de la Réalité Géographique*, de Eric Dardel, teve importante influência para a geografia fenomenológica.

De acordo com Holzer (2003), a discussão sobre a contribuição que o conceito de lugar, ligado à fenomenologia, poderia trazer para a Geografia se iniciou na década de 20, do século XX. O autor destaca os trabalhos de Carl Sauer e Eric Dardel como fundamentais para a existência dos aportes teóricos sobre lugar e fenomenologia dos dias de hoje. Estes autores foram essenciais para a transição da geografia cultural com moldes positivistas para uma geografia cultural associada à fenomenologia, que passou a analisar os acontecimentos a partir da noção de espaço vivido. Para esta transformação a geógrafa Anne Buttimer e o geógrafo Yi-Fu Tuan foram fundamentais.

Tuan (1983, p. 14), diz que “lugar é uma classe especial de objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar”. Para Oliveira (2014), não importa se o lugar é construído ou natural, a ligação e o consequente significado atribuído acontecem quando este é percebido de maneira mais íntima ou profunda. Tuan (1983), classifica lugares íntimos como transitórios e pessoais, eles podem ficar na memória e quando são lembrados evocam uma intensa satisfação. Sentir um lugar leva um bom tempo, acontece através de experiências, através de dias ou anos. A experiência relaciona-se com a possibilidade de aprender com a própria vivência, através da percepção ela fica guardada no mais profundo do nosso ser (TUAN, 1983).

Aquilo que as pessoas recebem do mundo que as circunda, o que as pessoas experimentam, é devido a um espaço específico e à marca de cada época, o indivíduo não pode ter experiências pessoais, conhecer e se apropriar de novos ambientes, a não ser no local em que ele possui um cotidiano, com isso, ele se enraíza e pode construir um sentimento de identidade (CLAVAL, 1999). Deste modo, lugar está diretamente relacionado com identidade. Haesbaert (1999), argumenta que a identidade não é única, mas diversa. A definição de identidade se dá por intermédio de outras identidades e suas características demonstram-se através das condições espaço-temporais em que um grupo se localiza.

Em trabalho onde realiza reflexões acerca do lugar, Relph (2014) aborda o conceito a partir da ideia de reunião. Sendo assim, o conceito possui características próprias, bem como abertura, justamente por conta da reunião. Para o autor “lugar ‘reúne’ ou aglutina qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata, e o nome se refere a lugar de uma reunião específica e única. Qualquer parte sem nome que não reúna não é um lugar” (RELPH, 2014, p. 22). Uma cidade, assim como um bairro ou uma rua deste bairro,

reúnem vivências, atividades ou significados criados pelos sujeitos, a partir do contato imediato e também constante.

É possível perceber que o conceito de lugar, dentro da geografia humanista, associa-se mais à qualidade da experiência. Por sua vez, a experiência é refletida no subjetivo do ser humano, ou seja, através do que é sentido e percebido, seja pelo tato, olfato, audição ou visão. Lugar relaciona-se com as particularidades, com o que cada indivíduo sente.

De acordo com Relph (2014), lugar não é apenas o que nos liga às raízes, não é apenas diferenciações e o ato de apreciar fatores geográficos. Lugar possui como característica elementos existenciais, bem como econômicos e sociais, já que lugar “é onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2014, p. 31). Portanto, ao mesmo em tempo que o sujeito vive e constrói um lugar, gerando sentimentos, atividades e significados, este mesmo lugar irá receber do mundo no qual se insere.

Um olhar para as paisagens e lugares passaquatroenses: percepção e experiência dos moradores

A aplicação das entrevistas e a posterior análise de seus conteúdos e discursos possibilitaram a construção de um entendimento sobre as diferentes percepções dos participantes. O trabalho de campo foi essencial para atingir este ponto da pesquisa, considerando as trocas de informações e conhecimentos que este nos possibilita, assim como a própria vivência do pesquisador no espaço e suas próprias observações diante dos lugares e paisagens.

De acordo com Buttmer (1985, p. 185), “a fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a tornar-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então, procurar por denominadores comuns na experiência dos outros”. Nesse sentido, considerou-se importante qualquer informação coletada pela aplicação das entrevistas, bem como as experiências em comum que surgiram entre aqueles que participaram e construíram a pesquisa.

As entrevistas foram aplicadas com um total de 10 moradores que não nasceram, mas migraram para o município e ali moram atualmente. Entre estes entrevistados, um total de 8, quando questionados sobre o porquê de terem realizado a mudança, afirmaram que foi com a intenção de fugir do alto índice de criminalidade, pois consideram Passa Quatro um município seguro para viver. Além disso, ressaltaram o fato de que o município não é tão

poluído e possui como atrativos aspectos naturais preservados, que acabam por influenciar na qualidade de vida do local.

Dentre os entrevistados que não são nativos de Passa Quatro, 7 são provenientes de grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro. Deste modo, considera-se que tal fato tem relação com a questão turística do município, uma vez que o público que o turismo atinge vem - em sua grande maioria - dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, como evidenciou o então secretário de turismo, cultura e desenvolvimento econômico de Passa Quatro:

Quando eu entrei aqui há um ano e meio atrás, a gente veio fazendo meio que um levantamento assim por cima e a gente fez uma parceria com a Universidade Rural do Rio e eles vieram traçar pra gente mais ou menos quem frequenta hoje Passa Quatro, né. A grande maioria é realmente o turismo da melhor idade, devido aos dois grandes hotéis e depois você tem um período de alta temporada do turista que vem em busca das montanhas. A ideia hoje com a questão da gastronomia, da questão cultural do município é trabalhar cada vez mais a economia criativa do município dentro do que tange a economia criativa da parte cultural principalmente, fortalecendo a economia criativa local e a gente tem meio que vislumbrado trazer pra Passa Quatro o público que consome cultura, né. Principalmente do eixo Rio-São Paulo, que está mais próximo aqui da gente e o Vale do Paraíba Paulista que é um forte polo emissor de turistas, né. Então a ideia é fortalecer cada vez mais a economia criativa local, então todas as ações que vêm sendo feitas a gente tem focado o fortalecimento da questão musical, valorizando os músicos locais, os produtores caseiros, os artesãos, né... Os próprios restaurantes, os produtores rurais e aí vai. Pra que a gente tenha uma cadeia produtiva forte aqui, pra poder receber bem e ter uma identidade local.

Deste modo, destaca-se a fala da entrevistada 10, que veio da cidade de São Paulo, tem 78 anos, mora em Passa Quatro há 16 anos e é aposentada. Ao ser questionada sobre o motivo de sua mudança para o município, respondeu: “depois que meu marido se aposentou a gente queria ir para um lugar mais sossegado do que o lugar onde a gente morava, então nós resolvemos vir pra cá, né.” (Entrevistada 10). Sobre a diferença entre as paisagens, ela diz: “aqui é o campo e lá é o urbano. A movimentação é muito grande de trânsito, estrada, comércio, tudo é mais agitado. E aqui não, aqui é mais sossegado e eu gosto do lugar. É mais tranquilo.” (Entrevistada, 10).

No mesmo sentido, têm-se os casos dos entrevistados 11 e 15. O primeiro também é nativo de São Paulo, tem 23 anos, mora em Passa Quatro há 20 anos e trabalha como barbeiro. O entrevistado afirma que sua família decidiu mudar por conta do índice de criminalidade e da poluição. Sobre a diferença entre a paisagem paulistana e a paisagem mineira de Passa Quatro o entrevistado afirma:

A diferença? Todas! Uma cidade você olha pro lado só tem prédio, poluição, você não consegue enxergar nem o céu direito. Aqui olha, olha pra cima, dá uma olhada... Lá em São Paulo vê se você consegue enxergar uma nuvem limpinha

igual essa daqui, olha... Vê se você consegue achar o tanto de árvore como a gente tem aqui, montanha... É raro, não vou falar que não tem porque tem sim! Tem lugar lá em São Paulo que a gente consegue achar árvore, mas a maioria das vezes você não vai achar isso aí, você vai ver só prédio, né... Essas coisas. (Entrevistado, 11).

Já o entrevistado 15 nasceu no Rio de Janeiro, tem 68 anos, mora em Passa Quatro há 8 anos e é aposentado. Ao comparar Passa Quatro com seu lugar de origem, diz: “isso aqui é um céu. Aqui, por exemplo, a gente pode ficar conversando, tem o celular aqui. A gente batendo um papo. E lá no Rio passa o pessoal com ‘cabo de vassoura’: perdeu, perdeu. E aí estraga nosso dia, né”. Sobre a paisagem passaquatrense ele afirma: “Se eu pudesse andar aqui andava todas as montanhas que tem à nossa volta aqui, entendeu? Acho muito bonito, o ar puro daqui é bom demais. Então tudo isso aqui pra mim é bom” (Entrevistado 15). É visível que em todos os casos destacados a fuga da criminalidade e a busca por um lugar seguro e sem poluição é pertinente. A partir destes relatos, pode-se perceber que para estes entrevistados, comparada aos grandes centros metropolitanos, Passa Quatro consegue atender tais necessidades.

Torna-se importante ressaltar também a condição socioeconômica dos moradores provenientes de outras cidades. A maioria das pessoas que foram entrevistadas são aposentados ou membros de família de aposentados, que já possuem certa estabilidade financeira. Deste modo, estabelecer um cotidiano e se manter em outra cidade é certamente mais fácil. No que se refere ao cotidiano, observou-se que o contato com a paisagem é fator importante para os moradores que não são nativos. Muitos disseram que se sentem bem ao realizar observações e em manter um cotidiano tranquilo.

O entrevistado 12 tem 30 anos, mora em Passa Quatro há 1 ano e meio, trabalha como auxiliar administrativo e é nativo de Silveiras, um município do interior de São Paulo. Ao ser questionado sobre sua relação com a paisagem passaquatrense, ressalta:

Passa Quatro tem uma das belezas mais incríveis, eu já fui pra bastante lugares e Passa Quatro tem uma coisa bucólica, uma coisa mais intimista. Que as pessoas... Você olha e as pessoas se conhecem e isso é incrível, uma cidade pequena que todo mundo se conhece, tem a magia disso e tem o lado oposto também, mas as paisagens de Passa Quatro assim, pra mim são encantadoras. Eu acho que foi um dos pontos pra eu poder vir pra cá, porque o lugar é acolhedor, lindo. (Entrevistado 12).

Através deste relato é possível perceber que as marcas da paisagem foram fatores influentes para a mudança e permanência do entrevistado no município. Outro ponto importante da fala é o destaque para o lugar, definido como acolhedor. Nesse sentido, foi possível ver neste e nos outros entrevistados uma busca por segurança e tranquilidade, fato que está atrelado ao conceito de lugar. De acordo com Oliveira (2017, p. 90) o espaço se

transforma em lugar com a “experiência contínua e cotidiana, tanto em nível do indivíduo quanto do grupo. Por isso, o lar, a casa, constitui o centro mais profundo da existência, do viver; é o significado essencial do ser humano”. Estabelecer um convívio e experiências no espaço torna-se, portanto, a consumação do lugar. O lugar se transforma para o indivíduo através da relação entre o espaço e suas sensações, sendo elas boas ou ruins.

Importa-se ressaltar que, durante as entrevistas com os moradores que não são nativos, não só as marcas naturais foram destacadas como importantes e influentes, os entrevistados também ressaltaram as marcas culturais da paisagem urbana, como: restaurantes, praças e prédios antigos. Além disso, constatou-se que a paisagem de alguns bairros do espaço urbano - que ainda preservam algumas características rurais - influencia a presença de alguns destes moradores. Deste modo, pôde-se perceber que a paisagem do município, seus aspectos materiais e imateriais, é atrativa para os moradores advindos de outras localidades.

Quanto aos moradores que nasceram e moram em Passa Quatro, foram entrevistados um total de 16. Nestes entrevistados, pôde-se observar maior participação no que diz respeito à perpetuação e transformação da paisagem do município ao longo do tempo. Como nas entrevistas foram questionadas as idades, as respostas variaram, sendo visível que os moradores antigos, que já vivem e experienciam os lugares há mais tempo, possuem conhecimento sobre a trajetória do município e, deste modo, contribuíram com mais informações.

De modo geral, os moradores antigos destacaram mudanças culturais e naturais na paisagem, reforçando que em outros tempos existiam mais festividades, como as festas juninas escolares e eventos musicais. Além disso, ressaltaram que o município era mais preservado no que se refere à questão ambiental. A entrevistada 2, de 59 anos, dona de casa, salientou:

Ah, da época de quando eu era criança pra agora mudou muito. Tinha muito mais árvores e mudou muita coisa. E eu acho que houve assim, uma certa decadência mesmo, era bem mais arborizado, mais jardinado, tinha muito mais jardinagem na cidade. Você olhava para os morros ao redor era tudo cheio, araucária mesmo, tinha muito mais araucária do que tem hoje, né. E a água, o rio, a gente descia no rio de boia, imagina hoje. Hoje é um filete de água... (Entrevistada 2).

Neste e nos relatos seguintes é possível entender o processo de transformação da paisagem de Passa Quatro ao longo do tempo. Diferentemente dos moradores que não são nativos, a entrevistada 2 afirma que antigamente o município era mais preservado em relação aos aspectos ambientais. Além disso, a fala evidencia uma prática cultural que antes era

comum e possível de ser realizada entre os moradores, que é a descida do rio através de “boias”. Sobre o mesmo assunto, o entrevistado 21, que tem 39 anos e é comerciante, diz: “antigamente nadava no rio, descia de boia, hoje em dia o rio está muito poluído e quase sem água” (Entrevistado 21). Justamente por conta da diminuição do nível de água dos rios e aumento da poluição, esta prática não é mais comum e possível nos dias de hoje.

Ao ser questionada sobre os acontecimentos culturais que fazem falta, a entrevistada 2 diz que sente falta das festas juninas que aconteciam em vários bairros da cidade, inclusive, nas próprias escolas. Além disso, lembra dos festivais de música que em sua época eram frequentes, dizendo que hoje em dia existe uma tentativa de resgate, mas nada comparado com o passado. Ela continua afirmando:

E eu acho assim, o que tá vindo pra Passa Quatro, que é no caso turismo, né. Que tá vindo muito... Acaba que a gente tá deixando, tá vazando, o turismo. Por exemplo, através disso eu lembrei... A fonte, né... Como era antes de ter o hotel e tal... Gente, lá era um lugar assim, demais! Porque lá rolava os jogos de inverno, verão, primavera, entendeu? Tinha jogos, era um parque para passear. Até hoje não entendo e não me conformo de a cidade ter perdido aquilo, entendeu? E tudo bem, eu entendo o crescimento, hoje tem a fábrica, tem o hotel e tal, mas é um espaço que eu acho que a população, os dirigentes, deveriam ter lutado para continuar existindo o parque lá... A fonte era muito legal. (Entrevistada 2).

Quando questionada sobre como era a fonte (Figura 2) antes da apropriação pela Mineração Água Padre Manoel e pelo Hotel Recanto das Hortênsias, ela diz:

Lá? Lá... Bom, ia até o hotel, né? Depois do hotel tinha um lago, aí não tinha nada, tinha uma pedreira lá e tinha a fonte. Esses dias até mostrei pra vocês, né... Uma foto que saiu na internet, que eles estão querendo fazer de novo o predinho onde era a captação da água pública, que todo mundo podia ir. Tinha uma quadra, uma quadra lá, que era onde aconteciam esses jogos... E a gente tinha livre acesso. Você podia ir a hora que você quisesse buscar água, tomar água, fazer piquenique. Aí você via, a fonte ficava bem no centro do local todo ali, vamos dizer ali onde está a casa do chocolate. Era uma casa mesmo de um pessoal que morava ali e tomava conta. A fonte ficava bem atrás, aí você contornava assim, onde está o hotel era uma pedreira grande, que ali tinha um caminho também, uma trilha... Que você subia e andava um tempo. E tinha o lago, né... Que você contornava o lago todinho assim, sabe? Ele era todinho rodeado de Hortênsia, aquela flor... Era a coisa mais linda do mundo. Quando floria ficava aquele bordão de flor de Hortênsia assim, inteirinho. (Entrevistada 2).

Seguindo o pensamento de Oliveira (2017) e Relph (2014), ao analisar este relato da entrevistada 2, torna-se visível que o lugar que ela descreve se trata atualmente de um não lugar. Por conta da apropriação da indústria o lugar descrito passa a ficar restrito à população e torna-se padronizado. Um espaço torna-se lugar a partir da experiência vivida pelo sujeito, da possibilidade de utilizá-lo frequentemente, é a capacidade de vivenciar as sensações que muitas das vezes são múltiplas, justamente por não possuir padrões. Já um não lugar é determinado pelas marcas da sociedade industrializada que restringe a experiência. A industrialização do Parque começou a partir da década de 1940 e foi no ano de 1982 que

houve um maior interesse pela comercialização da água e o impulso para o crescimento da empresa veio em 1990, quando a atual gestão assumiu a administração (ÁGUA MINERAL PASSA QUATRO, 2022).

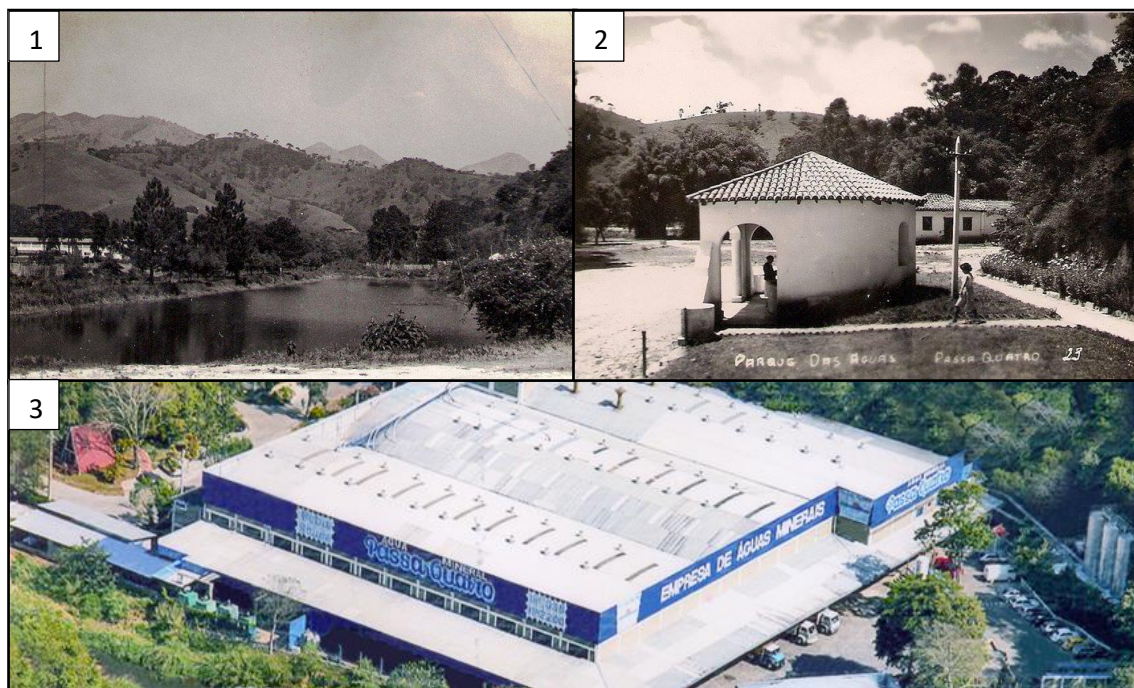


Figura 2 - Fonte Padre Manoel: 1 e 2 - Antes da Mineração Padre Manoel; 3 - Atual Mineração Água Padre Manoel.

Fonte: 1 e 2 - Página do Facebook “Indústria Conhecimento Passa Quatro”; 3 - (ÁGUA MINERAL PASSA QUATRO, 2022).

Por sua vez, o entrevistado 8, auxiliar bibliotecário de 44 anos, quando questionado sobre os aspectos naturais do município, afirma que:

Na realidade os aspectos naturais ajudam bastante. Mas eu, na minha opinião, a cidade não sabe aproveitar isso. Acho que teria que ter uma união tanto da parte administrativa da cidade como da parte hoteleira. Porque você vê gente chegando aí pra subir as montanhas e não tem consciência, né. Dos montanhistas e dos que dizem ser montanhistas, né. Não tem essa consciência, não tem o controle da quantidade de pessoas que sobem a montanha. Chega no hotel e fala: “Ah, eu vou pra montanha”. Vai todo mundo chegando e indo, não tem um controle de quantidade e qualidade também. Você vai ver no feriado agora a quantidade de gente que tá subindo. (Entrevistado 8).

De fato, o montanhismo é uma atividade crescente em Passa Quatro, como também evidencia a entrevista com o representante do poder público. As marcas naturais da paisagem atraem turistas - que buscam tranquilidade e contato com a natureza - e incentivam a realização de atividades esportivas como o montanhismo, *mountain bike* e o *trail running*³⁹. A dinâmica destas atividades acaba influenciando a economia do município, muitos serviços relacionados ao montanhismo ali despontaram nos últimos anos, como: hosteis, hotéis,

³⁹ Prática esportiva de corrida em montanha.

comércio de aventura, companhias de guias e guias autônomos que oferecem o transporte aos picos e a orientação nas trilhas.

Já em relação aos acontecimentos culturais do município, o entrevistado 8, diz:

O que eu acho que falta aqui é um pouco da valorização da mão de obra artística de Passa Quatro. Você saber aproveitar o que tem a cidade e divulgar, né. Porque tem muita gente que tem o talento, mas não tem aquela divulgação necessária. Tem muita gente aí que você nem sabe que é, que toca, que pinta, que tem várias coisas e tá escondido. Eu acho que precisava ter mais incentivo. (Entrevistado 8).

Ao mesmo tempo, foi possível identificar nos relatos dos moradores mais antigos o afeto e pertencimento em relação à paisagem e ao lugar. O entrevistado 9, soldador de 56 anos, afirmou gostar daquilo que o lugar dispõe, principalmente no que se refere ao contato com a natureza. Este, ao ser questionado sobre o que pensa em relação à Passa Quatro, responde: “Eu gosto, acho aqui ótimo de viver, um lugar que nunca queria sair não. Tudo que eu gosto de fazer tem aqui: andar pro mato, pescar” (Entrevistado 9). Percebe-se uma fala que remete ao conforto e admiração pelo lugar. Além deste, o entrevistado 4, de 43 anos e comerciante, diz que a cidade parece ser intocada: “É como se ela tivesse uma proteção devido essa paisagem, algo que o tempo não distorce tão rápido, como acontece em outras cidades”. Passa Quatro realmente possui um relevo marcante em seu entorno (Figura 3), fato relatado por este entrevistado.

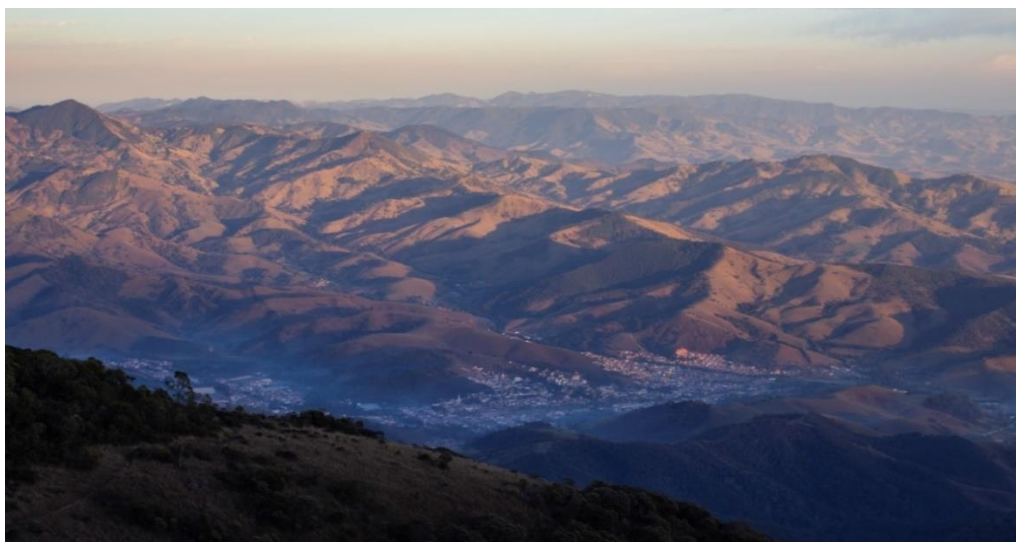


Figura 3 - Município de Passa Quatro-MG visto do pico do Campo do Muro a 1.800 metros de altitude.

Fonte: Autor, 2018.

Em relação aos moradores mais novos, foi possível identificar também o sentimento de afeto pelos lugares e o constante contato com a paisagem, seja frequentando montanhas, cachoeiras ou praças. Em sua maioria, estes entrevistados colocaram a qualidade de vida e o

conforto como fatores que os ajudam a permanecer no município. Ao mesmo tempo, sentiram-se incomodados com as poucas oportunidades de crescer financeiramente e com a falta de acontecimentos e manutenção de eventos culturais. A entrevistada 1, diretora de vendas de 26 anos, diz: “É mais questão de segurança, o que a gente sente aqui. Porque oportunidade de trabalho a gente não tem muito, né. Nenhuma outra oportunidade de trabalho”. O entrevistado 6, de 22 anos e fotógrafo, ressaltou:

Passa Quatro já teve nos anos 70, tinha o festival da canção, que era um festival que na região aqui do sul de Minas, era bem conhecido, aí por falta de organização, acabou. A gente tem vários movimentos culturais, musicais, que aqui em Passa Quatro aconteceram por um tempo. Passou. Por falta de mais vontade e esforço, patrocínio, tudo... Por exemplo, o Bazar Autoral, que a gente organizou, foi um festival de música que era só música autoral, só composição, não podia tocar cover. Só que aí a gente acabou aos poucos perdendo o gás de fazer, de organizar, e ficamos aqui sem, digamos assim, sem ânimo em fazer a parada, que acabou tanto por falta de vontade dos organizadores, quanto também por falta de patrocínio, que era muito desgastante. (Entrevistado 6).

O cenário artístico passaquatrense é significativo, existe uma variedade de artistas, desde músicos a pintores, fotógrafos e artesãos. Nos últimos anos os eventos que buscaram abranger estes artistas foram realizados, em sua grande maioria, de forma independente. Dentre estes eventos destacam-se o próprio Bazar Autoral, o Festival de Rock e alguns saraus. Todavia, atualmente existe uma tentativa de resgate, por parte do poder público, de alguns eventos que marcaram época no município, como é o caso do Festival de Música de Passa Quatro (Figura 4).



Figura 4 - Festival de Música de Passa Quatro: 1 - Primeira edição do Festival; 2 e 3 - Festival realizado em 2019.

Fonte: 1 - Arquivo pessoal; 2 e 3 - Davi Guedes.

O Festival de Música de Passa Quatro depois de muitos anos sem acontecer voltou a ser realizado no ano de 2019. Muitos festivais e eventos já passaram ou foram criados em Passa Quatro, no entanto, poucos se mantiveram até os dias de hoje. Dentre os eventos existentes e que ainda são realizados, os mais citados por todos os entrevistados foram a Exposição Agropecuária e Artesanal, Carnaval, Passa Quatro Canta, Passa Quatro Gastronomia e o próprio Festival de Música já citado anteriormente.

O secretário de turismo, cultura e desenvolvimento econômico de Passa Quatro, quando questionado sobre como é trabalhada a questão dos eventos culturais no município, respondeu:

Então, hoje, igual eu falei pra você, como eu trabalho a questão da economia criativa dentro do município, o nosso foco é basicamente a valorização dela, então todos os eventos de Passa Quatro culturais tem muito hoje da questão da indústria criativa. Você vai ver, carnaval foi assim, com a valorização até dos músicos locais. Nós abrimos a grade e teve uma grande presença, uma forte presença dos músicos de Passa Quatro. Depois você vai pra Gastronomia e foi a mesma coisa, 90% da grade da Gastronomia foi com músicos de Passa Quatro e dentro da Gastronomia é onde mostra a questão da cultura local e a economia criativa que fortalece ela. Então você tem os empórios acontecendo com os produtores caseiros do município. Você tem os produtores artesanais e os restaurantes que também não deixam de ser economia criativa. E no palco as atrações musicais também que são musicais e culturais do município fortalecendo o que a cidade tem de melhor, né. Então, assim, o Festival de Gastronomia é um exemplo muito claro dessa questão cultural, de quanto Passa Quatro investe na cultura dentro dos seus próprios eventos.

Importa-se ressaltar que os relatos aqui em destaque datam do ano de 2019. Entre 2020-2022, devido à pandemia de Covid-19, os eventos deixaram de acontecer ou aconteceram em formato remoto, assim como o cotidiano se modificou. Contudo, estes acontecimentos voltaram a ser realizados no decorrer de 2022. Em todo caso, percebe-se uma tentativa de abranger os produtores locais, sejam eles artesãos, cozinheiros ou músicos, sendo o Passa Quatro Gastronomia um exemplo.

Através desta investigação pôde-se visualizar a relação dos moradores entrevistados, nativos ou não, com as paisagens e lugares de Passa Quatro. De modo geral, evidenciam-se transformações espaciais e temporais, assim como características presentes no cotidiano, como o contato com a natureza e a necessidade de novas formas de lazer e crescimento econômico. Sendo assim, para finalizar este capítulo, têm-se algumas considerações finais.

Considerações finais

Este trabalho buscou trazer reflexões acerca das paisagens e lugares do município de Passa Quatro, com ênfase para a percepção de seus moradores. Nesse sentido, a pesquisa empírico-fenomenológica, ligada à geografia humanística e cultural, torna-se relevante, uma vez que trouxe subsídios para a construção da investigação. A geografia humanística e cultural, como vertente do pensamento geográfico que trabalha a visão e percepção dos sujeitos, nos mostra ser possível compreender as materialidades e imaterialidades existentes no espaço vivido.

Os resultados mostraram-se abrangentes no que se refere aos aspectos das paisagens e ao contato dos moradores com os lugares, atingindo marcas que vão do rural até o urbano. Assim sendo, acredita-se que as entrevistas abertas, com base em roteiro semiestruturado, abrem caminhos para diferentes discussões. Evidenciaram-se múltiplas percepções e experiências, do mesmo modo foi possível compreender parte do trabalho que vem sendo realizado pelo poder público do município. Diante deste movimento, ressalta-se a importância da revisão bibliográfica para a construção da pesquisa. A partir das leituras e do conhecimento teórico, tornou-se possível a compreensão dos conceitos de paisagem e lugar e, conseqüentemente, a construção desta investigação. Posteriormente, o trabalho de campo, as observações, vivências e a aplicação das entrevistas foram de igual valia.

Como dito anteriormente, esta pesquisa foi construída no ano de 2019, deste ano até o ano de 2022, devido ao avanço da pandemia de Covid-19, ocorreram mudanças na dinâmica do município. Em todo caso, as atividades esportivas e de lazer relacionadas ao montanhismo, o turismo e os eventos continuam a acontecer.

Pode-se dizer que as atividades na montanha estão assumindo cada vez mais destaque. Pessoas de diferentes localidades do país procuram estas atividades e, nesse sentido, Passa Quatro está se tornando referência. O turismo aparece como um serviço em crescimento, ocupando grande parte deste setor econômico. Os eventos estão voltando a acontecer presencialmente, como as festividades e atividades esportivas. Além disso, destacam-se as ações desenvolvidas pela Casa da Cultura do município, onde acontecem saraus, lançamentos de livros, shows e exposições, em sua maioria de forma independente.

Diante do que foi evidenciado e discutido, percebe-se a importância de se investigar as pequenas cidades. Neste caso específico, a relação de Passa Quatro com os estados de São Paulo e Rio de Janeiro mostrou-se clara, com o município apresentando-se como refúgio

turístico. Além disso, considerando os moradores nativos e não nativos, os relatos proporcionaram uma melhor compreensão das transformações e marcas das paisagens e lugares, tendo em vista os costumes, manifestações artísticas e os encontros proporcionados por eventos.

Portanto, acredita-se ser necessário pensar e trabalhar o planejamento municipal visando a preservação e a adequada utilização dos aspectos culturais e naturais das paisagens. A partir disso, torna-se preciso construir para que os próprios moradores possam ter melhor acesso aos lugares e eventos, para que as atividades turísticas possam acontecer de forma consciente, sabendo da necessidade de preservação do meio natural, assim como da valorização dos profissionais locais. Levando estes aspectos em consideração, acredita-se em uma possível valorização do material e imaterial que permeiam as paisagens e os lugares de Passa Quatro.

Referências

- ÁGUA MINERAL PASSA QUATRO. **A empresa**. Disponível em: <http://www.aguapassaquatro.com.br/empresa.php>. Acesso em: 01 de junho de 2022.
- BUTTIMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. *In*: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da geografia**. 2ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 165-193.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: O Estado da Arte. *In*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1999. p. 59-98.
- CORRÊA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 15, n. 3, p. 5-12, 30 abr. 2011.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove - A paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7-21, 2011.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.) **Geografia cultural: uma antologia**. v.1. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 219-237.
- HAESBAERT, Rogerio. Identidades Territoriais. *In*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1999. p. 169-188.
- HOLANDA, Adriano. Questões sobre a pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n.3, p. 363-372, 2006.

- HOLZER, Werther. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. *In*: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.
- HOLZER, Werther. **O conceito de lugar na geografia cultural-humanista:** uma contribuição para a geografia contemporânea. *GEographia* – Ano V – Nº 10. 2003. p. 113-123.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/passa-quatro/panorama>. Acesso em: 31 de maio de 2022.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico> Acesso em: 31 de maio de 2022.
- LUCHIARI, Maria Tereza. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. *In*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.) **Paisagem, Imaginário e Espaço.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 9-28.
- MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. Sobre ontologias. *In*: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos.** Salvador, v. 6, n. 2, p.163-186, 2010.
- OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. *In*: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 3-16.
- OLIVEIRA, Livia de. Panorama dos estudos de geografia e percepção do meio ambiente. *In*: MARANDOLA, Eduardo; CAVALCANTE, Tiago (Orgs.) **Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 89-109.
- RELPH, Edward. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. *In*: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.
- ROSENDAHL, Zeny. Paisagem simbólica como descrição da personalidade do lugar: a certidão de nascimento do Brasil. *In*: NEGREIROS, C; LEMOS, M; ALVES, I (Orgs.) **Literatura e Paisagem em diálogo.** Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 45- 56.
- SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e geografia.** Finisterra, XXXVI, 72, p. 37-53, 2001.
- SCHIER, Raul Alfredo. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia.** R. RA'E GA, Curitiba: Editora UFPR. n. 7, p. 79-85, 2003.
- TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.
- VIEIRA, Felipe da Silva. **Paisagens e lugares topofílicos na Serra da Mantiqueira:** um estudo geográfico-fenomenológico sobre o município de Passa Quatro-MG. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Alfenas – MG, Alfenas, 2019.